

# **Processos de aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual: estratégias pedagógicas de professoras da educação básica**

Mariana Spindola de Gusmão<sup>1</sup>  
Tícia Cassiany Ferro Cavalcante<sup>2</sup>

## **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelos professores da Educação básica que atuam com crianças com deficiência intelectual. Desenvolvemos um estudo de campo em duas escolas públicas da Rede Municipal do Recife, no estado de Pernambuco. Utilizamos como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, realizadas com 10 professores de salas de aula regulares que possuem estudantes com deficiência intelectual cursando entre o 1º ao 5º ano do ensino fundamental I. Os resultados apontam que o debate acerca da educação inclusiva está presente nas práticas pedagógicas dos professores. A alfabetização de estudantes com deficiência intelectual é vista como um desafio, mas os professores acreditam que é possível superar as limitações e desenvolver o potencial de cada aluno. Estratégias de adaptação variam, incluindo tarefas adaptadas, atividades inclusivas e currículo adaptado. Os resultados da pesquisa podem contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas e para o desenvolvimento pleno desses alunos

Palavras-Chave: Educação Inclusiva; Deficiência Intelectual; Professores.

## **1 Introdução**

Conceitualmente, a deficiência intelectual pode ser definida como uma condição na qual o cérebro é impedido de se desenvolver adequadamente, o que dificulta a aprendizagem e o ajustamento social do indivíduo (Junkes, 2006). Essa condição caracteriza-se por trazer limitações significativas no funcionamento intelectual e na capacidade adaptativa dos indivíduos, que podem se manifestar em áreas como comunicação, autocuidado, habilidades sociais, acadêmicas e profissionais.

Ao longo da história, a deficiência intelectual tem sido vista como uma condição limitante que impede a participação plena do indivíduo na sociedade e no processo educacional. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos alunos com deficiência intelectual, é importante ressaltar que eles são capazes de aprender e se desenvolver, desde que recebam o suporte necessário.

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. [mariana.spindola@ufpe.br](mailto:mariana.spindola@ufpe.br)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [ticiaferro@hotmail.com](mailto:ticiaferro@hotmail.com)

Ao considerar a aprendizagem de alunos com deficiência intelectual, compreende-se que educação inclusiva é uma forma importante de promover esse direito, permitindo que os alunos com deficiência intelectual participem ativamente da vida escolar e desenvolvam seu potencial. A inclusão escolar é um tema fundamental na educação atual, pois visa promover a igualdade de oportunidades e a participação plena de todos os alunos no processo educacional. De acordo com Santos (2012), um dos principais objetivos da inclusão escolar é favorecer a emancipação intelectual dos alunos, ou seja, proporcionar-lhes as condições necessárias para que possam desenvolver todo o seu potencial intelectual e construir novos conhecimentos.

No entanto, para que a inclusão escolar seja efetiva, é importante também combater o preconceito e a discriminação em relação às pessoas com deficiência intelectual, reconhecendo sua dignidade e direito à participação plena na sociedade. Dessa forma, a escola pode se tornar um espaço de construção de valores como o respeito, diversidade e inclusão.

Embora haja avanços na garantia do direito à aprendizagem das crianças com deficiência intelectual, ainda é possível observar preconceitos e discriminação por parte de alguns professores que concebem que essas pessoas não têm condições de aprender. Essa visão equivocada pode estar relacionada, inclusive, à dificuldade de fala que algumas pessoas com deficiência apresentam (FERREIRA; FERREIRA; OLIVEIRA, 2010).

O processo de alfabetização é essencial para a inclusão e emancipação de qualquer indivíduo na sociedade. No entanto, para os estudantes com deficiência intelectual, esse processo pode ser ainda mais difícil e muitas vezes negligenciado pela falta de atenção e recursos adequados. É importante ressaltar que a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) é um processo complexo e que requer estratégias pedagógicas diferenciadas e adaptadas às necessidades individuais de cada aluno. Além disso, é necessário enfatizar a importância do envolvimento dos pais e da comunidade escolar nesse processo de aprendizagem, a fim de garantir o sucesso do aluno e sua inclusão social.

É preocupante constatar que muitos estudantes com deficiência intelectual ainda não foram alfabetizados, mesmo em idade escolar adequada. Isso se deve, em grande parte, à falta de políticas públicas efetivas que garantam o acesso a recursos e profissionais capacitados para atender às necessidades específicas desses alunos.

Destaca-se, dessa forma, a necessidade de se discutir cientificamente e de refletir como os professores da educação básica tem mobilizado na sua prática pedagógica docente as estratégias de adaptação e flexibilização curriculares para as crianças com deficiência durante o processo de ensino-aprendizagem, considerando-se as características específicas próprias da deficiência intelectual.

Assim, essa pesquisa se orienta pelas seguintes questões norteadoras: Como se dão as experiências dos professores da educação básica com estudantes com deficiência intelectual? Quais tipos de ajustes ou modificações são realizados para conseguir incluir os estudantes com deficiência intelectual em seu processo de aprendizagem? Quais as propostas inclusivas e adaptativas desenvolvidas no processo de alfabetização dos estudantes com deficiência intelectual?

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como *objetivo geral* investigar as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelos professores da Educação básica que atuam com crianças com deficiência intelectual (DI). Temos como *objetivos específicos* analisar as propostas inclusivas e adaptativas utilizadas pelos professores, investigar a comunicação dos professores com os familiares, estudantes e equipe pedagógica e, por fim, verificar os processos de adequação e flexibilização que possam favorecer o processo de alfabetização das crianças com DI.

## **2 Revisão de Literatura**

Na produção científica sobre Educação inclusiva e Deficiência Intelectual na educação básica, identificamos diversos estudos que investigam essa temática. Esses trabalhos abordam o debate sobre a inclusão escolar dos alunos com deficiência intelectual, realizam uma revisão bibliográfica/de literatura sobre essa etapa da educação básica para alunos com deficiência intelectual; tratam das leis e das políticas públicas que afetam a educação desse público escolar; e também abordam o trabalho docente na educação de crianças com deficiência intelectual e as tecnologias assistivas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, realizamos um levantamento na Plataforma *Scielo*, com o objetivo de reunir os trabalhos que estudam a Educação Inclusiva na perspectiva da deficiência intelectual. Utilizando o indexador “deficiência intelectual educacional”, localizamos 28 artigos que possuem a DI na educação como objeto de estudo. A partir da leitura dos resumos, filtramos as pesquisas e selecionamos os 18 trabalhos que mais

se enquadram em nossa temática. Apresentamos a seguir uma breve súpula dos resultados desses estudos.

O estudo de França e Silva e Elias (2022) investigou o processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual em escolas regulares da rede pública em uma cidade do interior de Minas Gerais. Foram entrevistados 42 responsáveis e 34 professores de 44 alunos com diagnóstico de deficiência intelectual. Com o auxílio do software Iramuteq, foram identificadas cinco classes na análise das entrevistas dos responsáveis e cinco classes na análise das entrevistas das professoras, abrangendo temas como contexto familiar, recursos e dificuldades dos pais, entendimento do processo de inclusão, práticas das professoras dentro da sala de aula e desenvolvimento do aluno. Os responsáveis apontaram dificuldades em prestar apoio aos filhos diante das adversidades escolares, enquanto as professoras destacaram dificuldades cotidianas no processo de inclusão e na parceria família-escola.

O artigo de Nóbrega et al. (2021) tem como objetivo validar uma tecnologia educacional direcionada à prevenção do abuso sexual entre jovens com deficiência intelectual. A validação foi realizada com 25 juízes especialistas, utilizando um questionário que avaliou os domínios de objetivo, relevância, estrutura e apresentação. A tecnologia educacional "Abuso não vai rolar: aprendendo a se proteger" é baseada no referencial teórico de Vygotsky e é composta por um livro de histórias e recursos de apoio, como bonecos, livreto e vídeo explicativo. A tecnologia foi validada pelos juízes, que destacaram sua relevância e inovação, além de oferecer sugestões para sua aprimoramento.

O estudo de Pinheiro, Silva e Sebastián-Heredero (2021) teve como objetivo analisar as relações interpessoais entre alunos com deficiência intelectual e seus colegas de sala de aula dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Para isso, foram realizadas entrevistas com 268 alunos, sendo 13 com DI, e observação sistemática de seis alunos com DI. Os resultados indicaram que as relações interpessoais foram influenciadas pela atuação das professoras regentes e dos apoios educacionais, pela competência social dos alunos com DI e pelas características dos mesmos, além do ambiente da sala de aula.

O estudo de França e Silva e Elias (2020) teve como objetivo caracterizar as habilidades sociais de alunos com deficiência intelectual em escolas regulares, além de avaliar as habilidades sociais educativas de pais e professores. Foram utilizados instrumentos como o Social Skills Rating System (SSRS-BR) e o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). Os resultados indicaram que

os alunos apresentaram maiores escores em Responsabilidade e Civildade, segundo professores e responsáveis, respectivamente, e que os responsáveis apontaram dificuldades nas habilidades sociais educativas, enquanto as professoras foram classificadas como acima da média nessas habilidades.

O estudo de Azevedo, Cerqueira e Coelho (2020) analisou as representações sociais sobre a inclusão de jovens com deficiência intelectual no ensino médio a partir de jovens matriculados em uma escola pública em Brasília. A pesquisa foi qualitativa, descritivo-interpretativa, e os dados foram obtidos por meio de questionário de livre associação de palavras aplicado a 186 jovens, incluindo sete com DI. Os resultados indicaram que os jovens têm uma representação social favorável à inclusão, com a busca por afirmar identidade compatível com princípios jurídicos que condenam o preconceito.

O artigo de Kranz e Campos (2020) analisa políticas públicas, práticas diagnósticas e pedagógicas na educação especial, destacando concepções e articulações entre elas, principalmente afetas ao trabalho de psicólogos e professores. As reflexões são perpassadas pelo caso de um aluno com deficiência intelectual e aponta-se a predominância da perspectiva clínica nas políticas e práticas, que resultam em exclusão e inferiorização do que na aprendizagem e no desenvolvimento do sujeito.

O estudo de Benítez e Domeniconi (2018) teve como objetivo operacionalizar a atuação do psicólogo-pesquisador no processo de inclusão escolar de estudantes com autismo (TEA) e deficiência intelectual (DI), a partir de intervenções aplicadas pelos professores e pais; e avaliar a aprendizagem de leitura e escrita do grupo experimental (exposto às intervenções) e controle. A pesquisa evidenciou que o grupo experimental apresentou desempenhos maiores no pós-teste e a atuação do psicólogo contribuiu com a inclusão dos estudantes com DI e TEA.

O artigo de Anache e Resende (2016) aborda a avaliação da aprendizagem de alunos com deficiência intelectual nas salas de recursos multifuncionais (SRM). A pesquisa colaborativa com os professores que atuam no atendimento educacional especializado (AEE) indica que os critérios para encaminhamento e avaliação desses alunos se baseiam em dificuldades de aprendizagem e/ou comportamentos inadequados. Alguns professores planejam avaliações próximas das condições dos alunos, mas enfrentam dificuldades para estabelecer diálogos com os professores do ensino regular, o que prejudica esses alunos.

O estudo de Schipper e Vestena (2016) teve como objetivo compreender o raciocínio de alunos com deficiência intelectual por meio da Epistemologia Genética e de uma pesquisa empírica. A pesquisa qualitativa avaliou o desenvolvimento cognitivo de 28 alunos com idades entre 10 e 14 anos e concluiu que a maioria está em uma etapa pré-lógica por ausência de estrutura mental operatória. Os resultados indicam a necessidade de metodologias desafiadoras para modificar esquemas intuitivos em esquemas operatórios.

O artigo de Caramori e Dall'Acqua (2015) descreve as estratégias pedagógicas utilizadas por professoras de Educação Especial para educar alunos com deficiência intelectual severa na cidade de Araraquara. A pesquisa emprega a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural (MCE) de Reuven Feuerstein, que defende o papel do professor como mediador no processo educacional. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e observação e analisados qualitativamente. Os resultados destacam a identificação de estratégias pedagógicas relacionadas aos critérios da mediação e sua associação com as ideias de Feuerstein. Conclui-se que determinados procedimentos empregados demonstram trazer em seu cerne alguns preceitos essenciais à mediação.

O estudo de Fantacini e Dias (2015) investigou a organização da educação inclusiva para alunos com deficiência intelectual em uma cidade do interior paulista. A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas com professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a análise dos dados foi feita com base na literatura da área. Os resultados mostraram a importância de conhecer as práticas inclusivas e o estudo espera contribuir para a organização do ensino desses alunos

O artigo de Santos (2012) discute as características da deficiência intelectual e seu impacto no contexto escolar. Apesar de ser um desafio, é possível estabelecer um ambiente educacional produtivo para esses alunos, levando em consideração suas necessidades individuais. O autor defende que a didática precisa ser adaptada às peculiaridades da deficiência, mas que avanços escolares são possíveis, apesar de não haver reversão completa do quadro.

O estudo de Lopes e Marquezine (2012) investigou a percepção de quatro professores sobre a importância da sala de recursos multifuncional Tipo I - Atendimento Educacional Especializado - AEE, no processo de inclusão do aluno com deficiência intelectual no ensino regular. A pesquisa utilizou entrevistas com roteiros semiestruturados para coleta de dados, seguindo os pressupostos da pesquisa qualitativa.

Os resultados mostraram que a sala de recursos é importante no processo inclusivo, mas não deve ser confundida com reforço escolar ou repetição de conteúdos curriculares da classe regular, sendo um espaço de desafio para o desenvolvimento do processo de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual em busca da verdadeira inclusão.

O artigo de Rossato e Leonardo (2012) aborda a queixa escolar na perspectiva de educadores da Educação Especial em relação às dificuldades de aprendizagem de alunos com deficiência intelectual em escolas especiais. A pesquisa constatou que a queixa escolar é naturalizada pelos educadores, que entendem que esses alunos têm uma deficiência inata que os incapacita para o aprendizado. Essa visão é fundamentada em um paradigma biologicista que desconsidera as inadequações das mediações e a má qualidade do ensino.

Toledo e Vitaliano (2012) em seu estudo tiveram o objetivo de investigar a eficácia de um programa de formação de professores com foco na inclusão de alunos com deficiência intelectual em uma escola estadual de ensino fundamental II do Paraná. O método utilizado foi a pesquisa colaborativa, com a participação de duas professoras e seus respectivos alunos com DI. Os resultados mostraram melhoria na qualidade do processo de inclusão dos alunos com DI e ampliação dos conhecimentos teóricos e práticos sobre a educação inclusiva pelos professores. Foi comprovado que o trabalho colaborativo entre professores do ensino regular e especialistas em Educação Especial é efetivo para favorecer a inclusão de alunos com DI.

O trabalho de Bezerra e Araújo (2011) propõe uma reflexão crítica sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual, mostrando que concepções e práticas pedagógicas aparentemente inclusivas acabam excluindo esses alunos por não atenderem às suas necessidades cognitivas. Eles indicam que a escola inclusiva, como é hoje, torna-se reacionária e pouco democrática, em contraposição à escola especial comprometida com o ensino desses alunos. Para mudar essa situação, é preciso que a escola inclusiva resgate o saber-fazer dos métodos especiais, sem abrir mão do combate à segregação educacional e social.

O estudo de Lima e Mendes (2011) investigou a coerência entre a finalidade legal da escolarização da pessoa com deficiência intelectual e as expectativas da família em relação à educação inclusiva. A pesquisa, baseada em análise documental e entrevistas com familiares de alunos com deficiência intelectual em escolas municipais de Uberlândia, mostrou que a maioria dos pais prioriza aspectos como aprendizagem e socialização em relação à educação de seus filhos, e não deseja a terminalidade

específica. Os autores revelam que a terminalidade específica precisa ser profundamente debatida, pois, como instrumento legal, não atende às expectativas das famílias e apresenta riscos desfavoráveis para o percurso de escolarização de alunos com deficiência intelectual no Brasil, principalmente em um contexto de políticas públicas orientadas pelo neoliberalismo.

O estudo de Rossit e Goyos (2009) examinou a aquisição matemática em estudantes com deficiência intelectual e apresentou um currículo baseado no paradigma de equivalência de estímulos para ensinar o manuseio de dinheiro. Participaram 11 alunos de uma escola de Educação Especial, com idades entre 9 e 32 anos. O estudo demonstrou a eficácia do currículo na aquisição de habilidades complexas em um curto período de tempo, e a rede de relações matemáticas foi adquirida a partir do ensino direto de apenas algumas relações.

### **3 Metodologia**

A metodologia dessa pesquisa se caracteriza como qualitativa, considerando sua potencialidade de trabalhar “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p.21).

Nessa perspectiva, desenvolvemos um estudo de campo em duas escolas públicas da Rede Municipal do Recife, no estado de Pernambuco, que atende ao ensino fundamental I. Utilizamos como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, realizadas a partir de um roteiro aplicado com professores de escolas públicas regulares após o levantamento das turmas que possuem crianças com deficiência intelectual nas escolas em que atuam. Esse instrumento foi utilizado com o objetivo de explicitar as concepções dos professores sobre a deficiência intelectual, a aprendizagem e processo de alfabetização, e as adequações e flexibilizações desenvolvidas em sala de aula.

Participaram da pesquisa 10 professores de salas de aula regulares que possuem estudantes com deficiência intelectual cursando entre o 1º ao 5º ano do ensino fundamental I.

Do perfil dos participantes, 8 docentes possuem formação inicial em Pedagogia e apenas dois destes possuem uma segunda licenciatura, em Ciências e Ciências Sociais, a saber. Os demais possuem formação em Licenciatura em Letras - Inglês e Licenciatura em Matemática.

A idade dos docentes varia de 24 a 58 anos. No grupo investigado, o tempo de atuação profissional entre os professores varia de 2 a 30 anos de experiência em sala de aula.

Dos 10 professores participantes, 7 possuem cursos de pós-graduação na área da Educação, sendo 4 nas seguintes áreas: Educação Especial, Psicopedagogia, Neuropedagogia e Neuropsicopedagogia. Os demais possuem Especialização nos cursos de Gestão e Planejamento Escolar, Estatística Aplicada e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. Apenas 1 participante possui Especialização fora da área educacional, em Recursos Humanos.

Os dados foram coletados após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as entrevistas foram realizadas com auxílio de gravador de voz, sendo posteriormente transcritas. O procedimento metodológico utilizado na interpretação dos depoimentos baseou-se na análise de conteúdo de Bardin (1977).

A seguir, apresentamos a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos a partir das entrevistas com os professores.

#### **4 Apresentação e Análise dos Dados/ Resultados**

Para atender aos objetivos propostos pela pesquisa, dividimos os dados analisados em duas categorias temáticas. A primeira se refere ao papel dos educadores sob a perspectiva da Educação Inclusiva, envolvendo suas experiências com estudantes com deficiência intelectual e as relações estabelecidas com o grupo escolar, famílias e equipe pedagógica. A segunda categoria trata dos processos de Inclusão e estratégias pedagógicas adaptativas desenvolvidas pelos professores. A seguir, discutiremos os resultados obtidos:

##### **4.1 O papel do docente na Educação Inclusiva**

Essa categoria compreende as seguintes subdivisões: *Vivências dos Professores acerca da Educação Inclusiva* e suas *Concepções de Inclusão Escolar*.

###### **4.1.1 Vivências dos Professores na Educação Inclusiva**

A partir dos depoimentos dos professores acerca das suas experiências na inclusão escolar de estudantes com deficiência intelectual, podemos notar que a inclusão de alunos com deficiência intelectual é vista como um desafio, que exige conhecimento,

preparação e dedicação por parte dos profissionais da educação. Alguns relatam que não receberam formação específica durante a graduação, o que torna o processo ainda mais difícil. É necessário estudar constantemente para encontrar as melhores formas de trabalhar o cognitivo desses alunos e promover sua interação social. Afirmam:

Desafiador, sempre. Precisamos estudar diariamente para buscarmos conhecimento que nos ajude nas experiências heterogêneas desse universo que é a sala de aula. (Larissa)<sup>3</sup>

Experiência desafiadora. Considero todos os alunos como únicos, e os com DI demandam um pouco mais de atenção e preparação pré aula, mas não é impossível: é um desafio que tenho como missão vencer, junto e pelos alunos. (Alessandra)

Um grande desafio, tendo em vista que na graduação não recebi orientações robustas acerca desse público. Desse modo, se fez extremamente necessário buscar por ferramentas que corroboraram para uma prática educativa mais assertiva, visando uma inclusão humanizada. (Lorena)

É possível notar que apenas uma das professoras que possui formação específica em Educação Especial e em técnicas como ABA e AT, revela que sua formação a permitiu oferecer um trabalho mais específico e de qualidade.

Tranquilo, visto que tenho formação em Educação Especial, curso de ABA e AT, podendo ofertar aos meus alunos um trabalho mais específico e de maior qualidade. (Marcela)

A partir das respostas dos professores, percebe-se que a inclusão de pessoas com deficiência intelectual ainda é um desafio para muitos profissionais da área da educação. Embora alguns se sintam mais preparados e confiantes por terem formação específica, a maioria aponta a falta de orientações robustas durante a graduação como um obstáculo para atuar com esse público.

No entanto, é importante destacar que todos os professores entrevistados demonstram disposição em buscar conhecimento e preparação para atender às necessidades dos alunos com deficiência intelectual. Toledo e Vitaliano (2012) destacam a importância de estudar, pesquisar e montar uma forma didática específica para explorar o cognitivo desses alunos e promover sua inclusão na sala de aula.

Além disso, é evidente que a inclusão de pessoas com deficiência intelectual requer um olhar individualizado, que leve em conta as necessidades e potencialidades de cada aluno. Os professores destacam que é necessário considerar cada aluno como único, e que o processo de inclusão não é impossível, mas requer atenção e preparação prévia.

#### **4.1.2 Concepções de Inclusão Escolar**

---

<sup>3</sup> Por questões éticas, os nomes reais dos professores foram substituídos por nomes fictícios, com o propósito de resguardar a identidade dos participantes envolvidos.

É possível destacar em alguns dos depoimentos as concepções dos educadores acerca da inclusão escolar. A partir de suas respostas, podemos perceber que os professores têm uma compreensão ampla do que é a inclusão, mas que há diferenças em suas percepções. Por um lado, alguns profissionais destacam a importância de entender as especificidades dos estudantes com deficiência para integrá-los da melhor forma possível na sala de aula. Já outros enfatizam que a inclusão vai além da presença do aluno na sala de aula, abrangendo a participação em todas as atividades escolares, como um direito do aluno e um dever dos profissionais. Afirmam os docentes:

A inclusão é ofertar a educação para todos os indivíduos independente de sua condição. Para isso, precisamos entender sobre suas especificidades para poder integrar o máximo possível esses estudantes.

O processo de inclusão é diário e vai além de ficar na sala, é de participar de tudo, atividades, recreio, provas, tudo, é um direito do aluno e um dever de nós, profissionais.

Ainda um professor reconhece que a inclusão ocorre, mas ressalta que há estereótipos em relação aos alunos com deficiência que podem prejudicar a efetividade do processo de inclusão

O processo de inclusão realmente ocorre, muito embora, com certa estereotipia com relação aos alunos. (Gabriel)

Podemos inferir, a partir dessas respostas, que a inclusão escolar é entendida como um processo complexo que envolve não só a oferta de educação para todos os indivíduos, mas também a compreensão das especificidades dos estudantes com deficiência, a participação plena em todas as atividades escolares e o combate às estereótipos e preconceitos.

É importante destacar que, como afirma Santos (2012), a inclusão não é uma tarefa fácil e requer um esforço conjunto da escola, dos professores, da família e da comunidade para garantir a efetiva participação de todos os estudantes na vida escolar.

## **4.2 Processos de Inclusão e Estratégias de Adaptação do Estudante com DI**

A seguinte categoria abrange as seguintes subdivisões: *Acompanhamento da aprendizagem dos estudantes com DI nas salas regulares*, *Processos de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética* e as *Propostas de Adaptação desenvolvidas pelos professores*.

### **4.1.2 Acompanhamento da aprendizagem dos estudantes com DI nas salas regulares**

Acerca do processo de acompanhamento da aprendizagem dos estudantes com deficiência intelectual, as respostas dos professores indicam que este vem sendo realizado de forma individualizada e adaptada às necessidades específicas de cada aluno. A maioria dos professores destacou a importância do estímulo e do suporte individual na aprendizagem, seja em sala de aula, em casa ou com a ajuda de uma equipe multidisciplinar:

O processo de acompanhamento é individualizado. As propostas são diferenciadas de acordo com as necessidades de cada aluno. (Celina)

O Processo de aprendizagem se dá através de acompanhamento e estímulos seja em sala de aula, em casa ou com equipe multidisciplinar. (Isadora)

Através de atividades individuais ou em grupos. Quando feita de forma individual, há adaptações e/ou intensificação do suporte individual para garantir sua realização. Existe evolução na aprendizagem de acordo com as individualidades apresentadas por cada aluno, podendo ser mais ou menos perceptível. (Rafael)

Em geral, as respostas indicam que há uma preocupação em promover uma aprendizagem efetiva e inclusiva, valorizando as individualidades e necessidades específicas de cada aluno com deficiência intelectual.

Com base nas respostas dos professores, podemos concluir que o acompanhamento da aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual é individualizado e diferenciado, levando em conta as necessidades e características específicas de cada aluno. Além disso, é importante ressaltar que esse acompanhamento pode ocorrer em diferentes ambientes, como em sala de aula, em casa ou com a ajuda de uma equipe multidisciplinar.

Para França e Silva e Elias (2022), a adaptação do ambiente escolar e das atividades propostas também é uma estratégia importante para garantir o aprendizado desses alunos. Como mencionado em uma das respostas, é fundamental que os comandos sejam dados de forma mais direta, a fim de facilitar a compreensão.

Em suma, é necessário que haja uma atenção especial e um acompanhamento individualizado para garantir a inclusão e o aprendizado de pessoas com deficiência intelectual na escola. A adaptação do ambiente escolar, a utilização de estratégias diferenciadas e o trabalho em equipe multidisciplinar são fatores que podem contribuir para esse processo.

#### **4.2.2 Processos de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética pelos estudantes com DI**

A alfabetização é um desafio significativo quando se trata da educação de pessoas com deficiência intelectual, que frequentemente enfrentam obstáculos em ter seu direito à aprendizagem assegurado. Muitos professores acreditam que essas pessoas não têm a capacidade de aprender, às vezes até relacionando isso com dificuldades de comunicação, como sugere Ferreira, Ferreira e Oliveira (2010).

Podemos perceber que, entre os professores entrevistados, existe um entendimento comum de que a alfabetização de estudantes com deficiência intelectual é um desafio, mas não é uma barreira intransponível. Há uma compreensão de que cada aluno tem seu próprio ritmo e potencial de aprendizagem, e cabe à escola oferecer condições para que essas potencialidades sejam desenvolvidas. Afirmam os docentes:

Sempre será um desafio, visto que muitas vezes temos também o comprometimento na linguagem oral, porém, a condição de deficiência intelectual não pode, nunca, predeterminar qual será o limite de desenvolvimento de cada aluno, cabe às escolas criar condições necessárias para as superações de seus próprios limites, sendo assim, é possível alfabetizar. (Marcela)

Existem dificuldades na apropriação do Sistema de Escrita Alfabética pelos estudantes com deficiência intelectual, tais dificuldades dependem do grau de limitação nas habilidades intelectuais e adaptativas apresentadas. É possível contornar a situação, principalmente com profissionais capacitados em alfabetização e educação inclusiva. (Rafael)

Os professores destacam a importância de uma abordagem adaptada às necessidades de cada aluno, bem como a capacitação de profissionais para trabalhar com educação inclusiva e alfabetização de pessoas com deficiência intelectual.

É possível, pois todos independente das especificidades tem a capacidade de aprender, o que precisa ser observado, é colocado em prática são as ferramentas necessárias para que essa criança consiga se apropriar desses conhecimentos e habilidades, respeitando o seu modelo de aprendizagem e suas necessidades de adaptação. (Lorena)

Além disso, é importante observar que os professores reconhecem que a alfabetização desses estudantes depende do grau de limitação nas habilidades intelectuais e adaptativas apresentadas e, portanto, são necessárias ferramentas e adaptações para que eles possam se apropriar dos conhecimentos e habilidades de alfabetização.

### 4.2.3 Propostas de Adaptação desenvolvidas pelos professores

Por fim, acerca das estratégias de adaptação desenvolvidas nas salas de aula regulares, podemos observar que os professores utilizam diversas estratégias para adaptar o processo de ensino-aprendizagem para estudantes com deficiência intelectual. Essas estratégias vão desde a adaptação de materiais e atividades, até a modificação do currículo e a inclusão de momentos em grupo.

Algumas respostas destacam a importância de materiais adaptados para que o potencial intelectual do estudante seja desenvolvido da melhor forma possível. Outros professores mencionam a necessidade de adaptações em atividades avaliativas e até mesmo no currículo para atender às necessidades desses alunos:

Tarefas adaptadas, jogos, passeios pela escola (trabalhando o visual, o diálogo e a escolha. Há alguns anos atrás eu não tinha muitas aberturas e adaptações nas práticas pedagógicas. Atualmente, alguns pensamentos e algumas práticas estão abrindo o espaço para esses estudantes. Eles precisam receber materiais adaptados para que o intelectual (diante do seu potencial) seja desenvolvido da melhor forma.

(...) adaptações no currículo, atividades de classe, casa, momentos em grupo e etc

As mais comuns são as atividades avaliativas. Onde são modificadas de acordo com as orientações da equipe multidisciplinar que deve realizar o acompanhamento do aluno.

Porém, é interessante notar que um dos professores afirmou que não é necessário realizar adaptações em suas atividades, pois o planejamento já é pensado de forma inclusiva desde o início. Isso demonstra uma compreensão avançada sobre educação inclusiva e como ela deve ser incorporada em todas as etapas do processo educativo.

Até o momento não, pois, no planejamento, já penso em atividades que sejam inclusivas, não sendo necessário adaptações: a atividade já é inclusiva.

As respostas dos professores mostram que há uma preocupação em oferecer uma educação inclusiva, capaz de contemplar as especificidades dos estudantes com deficiência intelectual. Para isso, os professores reconhecem a importância de adaptações curriculares e metodológicas, tais como tarefas adaptadas, atividades avaliativas modificadas, jogos e passeios pela escola.

É importante destacar que as estratégias de adaptação não devem ser encaradas como uma forma de diminuir o nível de exigência ou de facilitar o aprendizado desses alunos. Pelo contrário, como afirmam Caramori e Dall'Acqua (2015), é necessário que sejam

pensadas de forma a desafiar o estudante, promovendo o seu desenvolvimento cognitivo e a sua independência.

Dessa forma, é possível concluir que as respostas dos professores apontam para uma postura mais comprometida com a inclusão escolar, em que se busca superar as barreiras e desafios que se apresentam na educação desses alunos. Esse é um passo importante na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, em que todos os indivíduos tenham acesso aos mesmos direitos e oportunidades.

## **5 Considerações Finais**

O presente estudo buscou investigar as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelos professores da Educação básica que atuam com crianças com deficiência intelectual (DI). Frente aos resultados alcançados, compreendemos que a partir das análises realizadas acerca de temas como inclusão, alfabetização e estratégias de adaptação para estudantes com deficiência intelectual, é possível perceber que o debate acerca da educação inclusiva está presente nas práticas pedagógicas dos professores.

Os docentes compreendem a inclusão como um processo que envolve a oferta de educação para todos, independentemente de suas condições, e que requer um esforço para entender as especificidades de cada estudante e integrá-los da melhor maneira possível. A alfabetização de estudantes com deficiência intelectual é vista como um desafio, mas os professores acreditam que é possível superar as limitações e desenvolver o potencial de cada aluno, desde que sejam oferecidas as condições necessárias para isso.

As estratégias de adaptação são variadas e incluem desde tarefas adaptadas e jogos até atividades avaliativas modificadas de acordo com as orientações da equipe multidisciplinar. Além disso, alguns professores destacam a importância de um currículo adaptado e atividades inclusivas desde o planejamento.

Em síntese, as respostas dos professores indicam uma preocupação em incluir e adaptar as práticas pedagógicas para garantir o acesso igualitário à educação e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes, independentemente de suas condições. Isso mostra uma consciência e um compromisso com a promoção de uma educação mais inclusiva.

Esperamos que esta investigação possa trazer importantes contribuições para a sociedade e para o meio acadêmico, promovendo a inclusão e o respeito às diferenças,

avanzando o conhecimento na área e contribuindo para a formação de profissionais mais capacitados para atender às necessidades desses estudantes.

### Referências Bibliográficas

ANACHE, A. A., & RESENDE, D. A. R. Caracterização da avaliação da aprendizagem nas salas de recursos multifuncionais para alunos com deficiência intelectual. **Revista Brasileira De Educação**, 21(66), 569–591. 2016

AZEVEDO, K. R., CERQUEIRA, T. C. S., & COELHO, C. M. M. Igualdade, Independentemente Do Que Seja Diferente: Representações Sociais Sobre Inclusão De Jovens Com Deficiência Intelectual. **Psicologia Escolar E Educacional**, 24. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENITEZ, P., & DOMENICONI, C. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. **Psicologia Escolar E Educacional**, 22(1), 163–172. 2018.

BEZERRA, G. F., & ARAÚJO, D. A. de C. De volta à teoria da curvatura da vara: a deficiência intelectual na escola inclusiva. **Educação Em Revista**, 27(2), 277–302. 2011

CARAMORI, P. M., & DALL'ACQUA, M. J. C. Estratégias Pedagógicas Empregadas Por Professores De Educação Especial Aos Seus Alunos Com Deficiência Intelectual Severa: Um Estudo Descritivo Da Prática Docente. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 21(4), 367–378. 2015.

FANTACINI, R. A. F., & DIAS, T. R. da S. Professores do Atendimento Educacional Especializado e a Organização do Ensino para o Aluno com Deficiência Intelectual. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 21(1), 57–74. 2015.

FERREIRA, D. R. S. A.; FERREIRA, W. A.; OLIVEIRA, M. S. Pensamento e linguagem em crianças com síndrome de Down: um estudo de caso da concepção das professoras. **Ciências & Cognição**, 15 (2), 216-227, 2010.

JUNKES, A. O. **Formação de professores e condições de atuação em educação especial**. Florianópolis: Insular, 2006.

KRANZ, C. R., CAMPOS, H. R. Educação Especial, Psicologia E Políticas Públicas: O Diagnóstico E As Práticas Pedagógicas. **Psicol Esc Educ** [Internet]; 24. 2020.

LIMA, S. R., & MENDES, E. G.. (2011). Escolarização da pessoa com deficiência intelectual: terminalidade específica e expectativas familiares. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 17(2), 195–208.

LOPES, E., & MARQUEZINE, M. C. Sala de recursos no processo de inclusão do aluno com deficiência intelectual na percepção dos professores. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 18(3), 487–506. 2012.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: **Teoria, método e criatividade**. Vozes. Petrópolis, 2007.

NÓBREGA, K. B. G. da ., MARINUS, M. W. de L. C., BELIAN, R. B., & GONTIJO, D. T. Validação da tecnologia educacional “abuso não vai rolar” para as jovens com deficiência intelectual. **Ciência & Saúde Coletiva**, 26(7), 2793–2806. 2021.

PINHEIRO, M. C. O., SILVA, A. M. da ., & SEBASTIÁN-HEREDERO, E. Caracterização Das Relações Interpessoais Entre Alunos Com Deficiência Intelectual E Seus Pares. **Psicologia Escolar E Educacional**, 25, 2021.

ROSSIT, R. A. S., & GOYOS, C. Deficiência intelectual e aquisição matemática: currículo como rede de relações condicionais. **Psicologia Escolar E Educacional**, 13(2), 213–225. 2009.

SANTOS, D. C. O. Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual. **Educação & Pesquisa**, v. 38 (4), p. 935-948, 2012.

SANTOS, T. C. C. dos ., & MARTINS, L. de A. R. Práticas de Professores Frente ao Aluno com Deficiência Intelectual em Classe Regular. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 21(3), 395–408, 2015.

SCHIPPER, C. M. de ., & VESTENA, C. L. B. Características do raciocínio do aluno deficiente intelectual à luz da Epistemologia Genética. **Psicologia Escolar E Educacional**, 20(1), 79–88. 2016.

SILVA, E. F. e ., & ELIAS, L. C. dos S. Habilidades Sociais de Pais, Professores e Alunos com Deficiência Intelectual em Inclusão Escolar. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 26(4), 605–622. 2020.

\_\_\_\_\_. Inclusão De Alunos Com Deficiência Intelectual: Recursos E Dificuldades Da Família E De Professoras. **Educação Em Revista**, 38. 2022.

TOLEDO, E. H. de ., & VITALIANO, C. R.. (2012). Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 18(2), 319–336. 2012

## **APÊNDICE - Roteiro de Entrevista**

**Universidade Federal de Pernambuco  
Centro de Educação – CE  
Curso de graduação em Pedagogia  
Trabalho de Conclusão de Curso  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Tícia Ferro  
Orientanda: Mariana Spíndola de Gusmão**

- Nome:
  - Idade:
  - Formação:
  - Tempo de formação inicial:
  - Especialização/mestrado/doutorado:
  - Qual a área?
  - Dentre essas especializações, alguma lhe fez sentir-se segura com a educação inclusiva e adaptativa?
1. Conte-nos como foi sua experiência como professora regente com estudantes com deficiência intelectual.
  2. Caso tenha algum estudante com deficiência, como se deu esse processo de inclusão? Fale-nos um pouco sobre sua experiência.
  3. Você precisou fazer ajustes ou modificações para conseguir incluir seu(s) estudante(s) com deficiência intelectual? Quais tipos de adequações foram realizadas?
  4. Como se dá o processo de acompanhamento de aprendizagem dos estudantes com deficiência intelectual? Há uma proposta diferenciada para eles ou eles desenvolvem as mesmas atividades dos demais estudantes?
  5. No processo de alfabetização, há alguma dificuldade na apropriação do Sistema de Escrita Alfabética pelos estudantes com deficiência intelectual? Como você vê esse processo? É possível esses estudantes serem alfabetizados?
  6. Como ocorre sua comunicação com os estudantes com deficiência intelectual? Você consegue compreendê-lo? Ele consegue se comunicar em sala?
  7. Como é a sua comunicação e parceria com:
    - a) A família do estudante com deficiência intelectual.
    - b) Com o professor especialista.
    - c) Com o apoio ou estagiário do estudante (caso ele tenha).